

O Brasil e as Américas

Apesar da chamada década perdida, os anos 80, e do pessimismo que esses anos de estagnação ou crescimento restrito inocularam no brasileiro, o certo é que o País ainda mantém, com folga, sua posição de liderança na economia latino-americana. E, mais do que isso, registrou um crescimento respeitável em vários aspectos essenciais da atividade econômica nos últimos 20 anos, conforme deixa claro o relatório Indicadores da Economia Mundial, editado pela Seplan, que avaliou o desempenho de todos os países da região entre 1970 e 1990. Apesar dos elevados índices de crescimento que vêm sendo apresentados pelo Chile, México e Argentina, o Brasil mostra um potencial bem maior, devido a inúmeros fatores, que vão desde um grande mercado consumidor, passando pelos recursos naturais abundantes, até um parque industrial moderno e ágil.

Começemos por uma comparação com a economia argentina, tanto porque se trata de um país muito próximo de nós e porque tem também uma economia pujante e diversificada como a brasileira. Iniciemos pela tabela que diz respeito ao crescimento real do PIB nos 21 anos que vão de 1970 a 1990. O Brasil apresentou um crescimento real médio anual de 5,27 por cento, enquanto a Argentina ficava com apenas 0,9 por cento. Neste período, a economia brasileira registrou crescimento negativo em apenas quatro anos, que foram 1981, 1983, 1988 e 1990, e positivo em 17. Já a Argentina teve problemas em nove anos. O ano de maior prosperidade para aquele país foi o de 1979, quando apresentou um crescimento real de 7,2 por cento. Para o Brasil, 1973 foi o melhor ano: o crescimento foi de 14,4 por cento sobre o ano anterior.

Segundo o relatório da Seplan, o Produto Interno Bruto brasileiro — a preços de 1980 — saltou de US\$ 106 bilhões, em 1970, para US\$ 285 bilhões, em 1990, num crescimento de 168 por cento. Segundo os mesmos parâmetros, o PIB argentino pulava de US\$ 65 bilhões para US\$ 75 bilhões, num aumento de 15 por cento. Dos maiores países da América Latina, o que teve um nível de crescimento mais próximo do brasileiro foi o México, cujo PIB avançou 120 por cento no mesmo período. O Chile, que hoje impressiona pela pujança econômica, cresceu, entre 1970 e 1990, na ordem de 70 por cento, enquanto a Venezuela ficou com 20 por cento.

Esses números podem ser contestados, em parte, pelos fatos mais recentes, dos dois últimos anos. Nesses anos, a economia chilena cresceu vertiginosamente, enquanto a Argentina conseguiu domar a inflação. Já o Brasil, engolfado num deletério processo inflacionário e sacudido por uma delicada crise institucional, amargou a estagnação e o desemprego. Mas os números da Seplan servem para mostrar que é preciso ter confiança na laboriosidade do povo brasileiro. Estamos pagando hoje por uma série de erros do passado, e a amargura que às vezes toma conta do País advém do contraste entre a realidade de hoje e os febris anos do milagre econômico. Olhados outros indicadores, porém, percebe-se que o Brasil, decididamente, perdeu para seus vizinhos da América a corrida pelo mais sensível e importante indicador sócio-econômico, que é o da distribuição de renda. A retomada da atividade econômica, que se antevê agora, deve vir, portanto, em bases mais humanas.